

**NA «FERMOSA
ESTRIVARIA»**
*[notas d'um diário
subversivo]*

**JOAQUIM
MADUREIRA**
[BRAZ BURITY]

COORDENAÇÃO DE MIGUEL DIAS SANTOS

Índice

	Introdução
11	1. Joaquim Madureira franco-atirador da República
26	2. Rupturas e contra-revolução
41	A jumência
47	Janeiro
51	Fevereiro
55	Março
59	Abril
69	Mai
85	Junho
95	Julho
109	Agosto
129	Setembro
149	Outubro
187	Novembro
203	Dezembro

Introdução

1. Joaquim Madureira franco-atirador da República

Na obra crítica e jornalística de Joaquim Madureira ressumbra a tradição satírica e jocosa da literatura portuguesa, com génese em Gil Vicente, e que o século XIX prolongou na ironia de Eça e Ramalho e na verve «ácida» de Fialho de Almeida, nos *Gatos*. Joaquim Madureira, que aprendeu a olhar a sociedade e os políticos do seu tempo através das caricaturas irónicas de Rafael Bordalo Pinheiro, teve em Camilo Castelo Branco e Fialho de Almeida as principais referências literárias e intelectuais. Camilo era «o maior de todos», «acima de Ortigão, Eça e Fialho», mas era Fialho, dos últimos três, o principal «ídolo» e «mestre»¹, de quem Joaquim Madureira herdou o género panfletário e o estilo «viril» e «emotivo»²: «O recorte exacerbadamente fialhesco da sua prosa está patente em insistências metafóricas, repetições, estribilhos, enumerações evocativas, num vocabulário impressionista, cheio de coloquialismos, calões, fórmulas depreciativas e fantasias sufixais»³.

Apesar de censurar a veneração acerba como traço distintivo da cultura nacional, Madureira possuía altares próprios onde depositava os seus «ídolos», resgatados à política e à cultura. Eram figuras que

¹ Braz Burity — *Ídolos, Homens e Bestas. I Fialho de Almeida*. Porto: Edição de Maramus, 1931, p. 9.

² Correia da Costa — *Eça, Fialho e Aquilino. Ensaios de Crítica e Arte*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1923, p. 86.

³ Óscar Lopes, Maria de Fátima Marinho, (Dir.) — *História da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Publicações Alfa, vol. 7, 2002, p. 182.

cultivavam o riso, através da palavra ou da imagem, como forma de confrontar a realidade política e cultural do país, isto é, como meio de ridicularizar os adversários, de os «vulgarizar» e de destruir as suas defesas⁴. Na esteira das diferentes interpretações clássicas, o riso, a troça e o escárnio traduzem a assunção da superioridade do seu autor, que assim procura expor o «ridículo» ou «primitivismo» em que vegeta o outro⁵.

Esta nótula introdutória, necessariamente concisa, impunha-se para um esclarecimento cabal da natureza desta *Fermosa Estrivaria (Notas d'Um Diário Subversivo)*, livro que confirma o seu autor como mestre da sátira e do colorido jocoso com que tece a sua análise política. Panfletário iracundo, de estilo truculento, verrinoso e provocatório, os seus textos carregavam a pena com o sarcasmo e a ironia, e a «violência da sua linguagem criara-lhe inúmeras inimizades»⁶. De feitio irascível e pouco «amável», a sua crítica desferia estocadas que atingiam os intérpretes políticos mas também os homens de letras e de cultura. No campo das artes, desancava com indisfarçável desdém a crítica pacóvia, provinciana e desprovida de sentido crítico que presenciava sobretudo no teatro⁷.

Quanto ao povo português, o alvo da fogosa oratória dos políticos, brotava da sua pena sob o signo de «Burro», era às suas costas que os políticos escalavam a escadaria do Poder. A metáfora dos burros, que justificava a «fermosa estrivaria», convocada a partir de um texto do famoso Francisco Xavier de Oliveira, que abre o livro, é uma constante na sua obra de análise política. Joaquim Madureira evoca várias vezes o antigo panfletário miguelista, José Agostinho de Macedo, que publicou em Paris, em 1827, um «poema heroico-comico-satyrico em seis actos», no qual definia o burro como «o máximo de estupidez e baixeza» e asseverava o seu predomínio em

⁴ Uma primeira abordagem teórica do riso e da pugna política pode ler-se em Amadeu Carvalho Homem — «Riso e Poder. Uma abordagem teórica da caricatura política». In *Revista de História das Ideias*, vol. 28. Coimbra: Faculdade de Letras, 2007, pp. 697-721.

⁵ *Ibidem*, p. 699.

⁶ *O Primeiro de Janeiro*, ano 86.º, n.º 261, de 22 de Setembro de 1954, pp. 1-5.

⁷ Leia-se Joaquim Madureira — *Impressões de Theatro (Cartas a Um Provinciano & Notas sobre o Joelho)*, I Série, 1903-1904. Lisboa: Ferreira & Oliveira, L.^{da}, Editora, 1905.

Portugal⁸. Na verdade, a redução dos políticos a animais, muito usada pela caricatura política da época, consigna um esforço de desvalorização da figura humana, de uma depreciação pela redução ao mais ínfimo da natureza, a animalidade, com propósitos de dessacralização⁹. A metáfora dos «burros» aplicada aos portugueses conforma-se com esta interpretação do riso e seus géneros, com a necessidade de ridicularizar um povo rebaixado à condição de animalidade primitiva e destituído de razão.

A introdução ao livro começa com uma divagação em torno da história de Portugal anunciada com o sugestivo título *A Jumência*¹⁰. O prólogo, onde se revela o escopo do livro, põe a nu a sua linguagem hiperbólica e desbragada, tantas vezes carregada de plebeísmos e arcaísmos: «Como se vai demonstrar neste volume, mais que de protesto, inventário e balanço ao período de lactação, ao engatinhar dum regime que, parido do ventre ubérrimo dos bambúrrios heróicos, entra na vida de cueiros borrados e gritando pela teta, em fomes ugolinas de regabofe, em zurrus atroadores de insofrida jumência»¹¹.

⁸ José Agostinho de Macedo — *Os Burros, ou o Reinado da Sandice; poema herói-comico-satyrico em seis cantos*. Paris: Na Officina de Rignoux, 1827. José Agostinho de Macêdo escreve no *Prólogo* do poema que «A expressão Burro em Português significa o máximo de estupidez e baixeza: não sei se a imensa quantidade que tem existido em Portugal destes quadrúpedes, terá influído na organização humana, para que sejam hoje tantos portugueses transformados em Burros». No jornal *Resistência*, de Coimbra, há um artigo assinado por Jocelli (cuja identidade não foi possível apurar, mas com estilo próximo do jovem Madureira) que, nas *Cartas de Lisboa*, já em 1895 introduz José Agostinho de Macedo: «Os homens não só se immortalizam com os monumentos que levantam à sabedoria mas também se immortalizam pelos que levantam à parvoíce; e assim como há heróis na Virtude, igualmente os há (e é de fé que os há) na Asneira». Comentário de Jocelli: «Começo com estas palavras do frade José Agostinho, grandíssimo patife e maior talento, que teve, na crítica às cavalgadas do seu tempo, intuição nítida e perfeita do que seria o seu país d'hoje». In *Resistência*, ano 1, n.º 38, de 30 de Junho de 1895, pp. 1-2.

⁹ Cf. Amadeu Carvalho Homem — art. cit., p. 707.

¹⁰ O artigo com o título *A Jumência* foi publicado no *Intransigente*, ano 1, n.º 236, de 9 de Julho de 1911, p. 1. Isto que prova que não existe uma orientação cronológica em todos os textos inseridos no livro *Na Formosa Estrivaria*.

¹¹ *Na Formosa Estrivaria (Notas d'Um Diário Subversivo)*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1912, p. 14.

A irreverência do espírito, «por vezes truculento», o carácter provocatório e panfletário da linguagem, num «estilo inconfundível, que soava como um clangor de guerra»¹², sugerem a existência de um traço identitário que teria a sua gestação na boémia estudantil de Coimbra.

Joaquim Nunes Borges de Carvalho Madureira, escritor e jornalista conhecido por diferentes pseudónimos, como Fernão Vaz (em Coimbra) e especialmente Braz Burity, nasceu em Lisboa a 3 de Fevereiro de 1874 e faleceu no Porto (Leça da Palmeira) a 19 de Setembro de 1954. Na cidade de Coimbra, onde estudou direito entre 1891 e 1896, revelou-se precoce na crítica teatral e política, num estilo verrinoso e acutilante que se revelou em folhetos como *À Gandaia* (1893) e *Insolências: Crítica Irreverente de Política e das Letras*¹³. Mais tarde publicou *Um Processo de Imprensa* (1897), folheto apreendido pela polícia e cujo paradeiro se desconhece. Ainda estudante, iniciou-se no jornalismo ao lado de figuras de proa da cultura, como eram «mestre Augusto Gonçalves»¹⁴ e Joaquim Martins Teixeira de Carvalho¹⁵. Foram eles, nas palavras de Madureira, que o «fizeram jornalista».

No jornal *Resistência*, dirigido pelo célebre «Quim Martins», teve, no decorrer de 1895, uma crónica intitulada *Notas d'um Azedo*, sob o pseudónimo de Fernão Vaz, que antecipava a pena corrosiva e a polémica que cevou a sua crítica literária e teatral¹⁶. Nas mesmas páginas do *Resistência*, Joaquim Madureira compartilhava a rebeldia juvenil com dois dos principais vultos do republicanismo já em ascensão, Afonso Costa e António José de Almeida. Neste ano de 1895,

¹² *O Primeiro de Janeiro*, ano 86.º, n.º 261, de 22 de Setembro de 1954, pp. 1-5.

¹³ 1.ª e 2.ª séries, Coimbra, 1894.

¹⁴ António Augusto Gonçalves (1848-1932) foi figura de grande prestígio cultural. Fundou a Escola Livre das Artes do Desenho, foi director da Escola Industrial Avelar Brotero e organizou o museu do Instituto de Coimbra, cujo núcleo arqueológico seria mais tarde integrado no Museu Machado de Castro, de que foi director entre 1913 e 1929. Foi responsável pela restauração da Sé Velha.

¹⁵ Joaquim Martins Teixeira de Carvalho (1861-1921) era licenciado em Medicina pela Universidade de Coimbra, onde foi professor, arqueólogo, crítico de arte, bibliógrafo, contista e biógrafo. Foi membro da Academia de Ciências de Lisboa.

¹⁶ O primeiro artigo aparece no n.º 23, de 9 de Maio de 1895, p. 3.

António José de Almeida, autor de uma crónica intitulada *Diário d'um Rebelde*, terminava o curso de medicina, enquanto Afonso Costa apresentava na faculdade de Filosofia a tese *A Igreja e a Questão Social*, que revela já a sua recusa da política social da Igreja Católica e as suas concepções secularizadoras. Mais tarde, Madureira, já em conúbios com o círculo de Afonso Costa e França Borges, referiu-se a António José de Almeida como a referência doutrinária do republicanismo: «Como há treze anos — rapazes de 90! — António José de Almeida é o nosso chefe, o nosso apóstolo, o nosso irmão e o nosso guia»¹⁷.

Em 1896, terminados os estudos jurídicos, rumou para Lisboa, onde se fez advogado. Na Capital haveria de aprofundar a sua militância republicana, participando no *Grupo Republicano de Estudos Sociais*, para onde foi publicamente convidado por uma circular dirigida a 68 intelectuais e quadros republicanos¹⁸. O Grupo, que incluía também Teófilo Braga, Guerra Junqueiro, Manuel de Arriaga e Afonso Costa, aspirava a congregar a intelectualidade republicana num derradeiro esforço para estabelecer as premissas que haviam de sustentar as reformas económicas, políticas e morais necessárias à instauração do novo regime. Um esforço que suscitou a crítica de Fernão Botto Machado, reveladora das dissensões republicanas, pois este denunciou a frouxa actividade dos «comodistas» que moravam no directório do Partido Republicano¹⁹ e reclamou a República o «quanto antes»²⁰.

Mais tarde colaborou na *Revista Republicana*, de Carlos Calisto (1898), e depois no *Mundo*, onde fez sobretudo crítica de teatro em «crónicas e folhetins». Mais do que a política, o teatro foi a sua grande paixão, assumindo-se como crítico,

¹⁷ Joaquim Madureira (Braz Burity) — *Caras Amigas. Gente Limpa*. Lisboa: Antiga Casa Berthrand, 1909, p. 43.

¹⁸ Cf. *Resistência*, 2.º ano, n.º 159, de 27 de Agosto de 1896.

¹⁹ O Directório do PRP, eleito em 1895, era constituído por Magalhães Lima — o primeiro «chefe político» de Joaquim Madureira — Gomes da Silva, Eduardo de Abreu, Jacinto Nunes e Horácio Ferrari.

²⁰ Cf. Fernão Botto Machado — *O Grupo Republicano de Estudos Sociais*. Lisboa: Typographos de Pereira e Faria, 1896, pp. 23-36. Sobre as vicissitudes do movimento, leia-se Fernando Catroga — *O Republicanismo em Portugal. Da Formação ao 5 de Outubro*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1991, vol. 1, pp. 89-93.